

R e s e n h a

AS VESTES DA BOA MORTE

Organização de Renata Pitombo Cidreira. Cruz das Almas/BA: UFRB,
2015, 118 p.

Joana Bosak de Figueiredo *

* Dra. em Literatura Comparada,
Profª. do Bacharelado em História da
Arte da UFRGS, líder do grupo de pes-
quisa em História da Arte e Cultura de
Moda/CNPq.
✉ joanabosak@gmail.com

No livro *As Vestes da Boa Morte* - lançado em abril de 2015, durante a V Edição do Seminário Moda Documenta, na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo -, a professora Renata Pitombo Cidreira, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, nos apresenta os resultados do projeto de pesquisa desenvolvido entre 2007 e 2010, coordenado por ela: *A dimensão simbólica das vestes da Boa Morte*, apoiado pela FAPESB e do MEC Seseu.

De grande valor para esse volume é a contribuição dada pelas bolsistas do projeto, autoras e coautoras dos artigos que compõem o livro: Joseane Vitena, Vanhise da Silva Ribeiro, Aline Pires e Maísa Almeida, então estudantes do curso de Comunicação Social daquela Universidade no Sul da Bahia, na cidade histórica tombada pelo IPHAN como Monumento Nacional, Cachoeira.

Trata-se, portanto, de uma obra coletiva, cujo resultado, assinado pela coordenadora do projeto, como autora e organizadora; e suas bolsistas, coautoras dos capítulos do livro; mostra um exemplo lapidar de cooperação acadêmica.

O objetivo do livro é apresentar as etapas do projeto que examinou e interpretou as questões ligadas à “dimensão simbólica” do vestir no conjunto das indumentárias que identifica a Irmandade da Boa Morte, ordem leiga de origem afrodescendente, exclusivamente feminina e que tem suas origens na década de 1820, na cidade de Salvador, mas que migra ainda naquele século XIX para a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, importante ponto de entrada de escravos africanos.

O projeto buscava compreender como, através da linguagem das vestes a Irmandade também constitui seus discursos e sua identidade, tendo aí a roupa “uma dimensão simbólica”.

Além da teorização sobre questões relativas à moda e da diferenciação existente entre moda, roupa, indumentária e vestes, os capítulos buscam identificar a inserção histórica, social, cultural e turística da Irmandade, cuja festa maior, entre os dias 13 e 15 de agosto, foi já alçada à condição de patrimônio imaterial pela UNESCO.

Já na **Apresentação: As roupas como legado**, são trabalhados aspectos como “a dimensão imaginária e afetiva das vestimentas e do ato de vestir”, insistindo que “é preciso, de imediato, reconhecer que as roupas fazem parte da vida dos indivíduos” (p. 7). Ao longo dessas reflexões iniciais sobre o caráter simbólico e afetivo das roupas e seu papel como mediadoras de um discurso na Irmandade, fica evidente - e de fato, é citado - o trabalho de Peter Stallybrass: *Roupa, memória, dor* - capítulo da coletânea *O Casaco de Marx*, organizada no Brasil por Tomáz Tadeu da Silva - no qual reflete justamente a respeito de nossa relação com as roupas e daquilo que elas representam em nossas vidas; e da permanência, em si, dos que já foram: “As roupas guardam algo de cada um de nós, pois como diz Stallybrass [...] a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma” (p. 7 - 8).

É importante salientar que Stallybrass tornou-se um autor caro aos estudiosos do campo da moda e da vida social dos objetos, retomando, em parte, estudos anteriores de Johann Christian Flugel; autor anglo-saxônico, precursor dos estudos psicanalíticos envolvendo as vestimentas, tendo publicado *A Psicologia das Roupas* e *Sobre o valor afetivo das roupas*, nos anos 1920 e 1930, na Inglaterra.

O capítulo I: *A dimensão simbólica da Boa Morte*, está subdividido em dois menores: *Boa Morte: primórdios e simbologias*, de autoria de Renata Pitombo Cidreira e *Boa Morte: turismo cultural e midiaticização*, com a participação de Joseane Vitena. Neste capítulo é apresentada a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, de seus primórdios, no século XIX, como organização leiga feminina e afrodescendente até a atualidade da organização, como fator que identifica a cidade pelo aspecto tradicional ligado à africanidade, mas

também pelo movimento turístico nacional e internacional que conquistou no decorrer desses quase dois séculos de existência, em que as festividades de Nossa Senhora da Boa Morte, em seu sincretismo entre a Igreja Católica e o Candomblé, ambas as crenças abraçadas pelas Irmãs e seus seguidores.

Maior evento turístico em uma cidade pequena do interior, mas que já teve a sua grandeza no período colonial - comprovada por uma visita breve à cidade, através da suntuosidade de suas Igrejas e prédios públicos, como a Câmara e Cadeia, a Matriz de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, por exemplo, além de diversas outras igrejas e prédios públicos e privados, entre eles a própria sede da Irmandade -, a Boa Morte, através de suas simbologias, rituais, roupas e festas, insere essa cidadezinha, com elementos extremamente tradicionais, ao momento contemporâneo, revelando aquilo que hoje muito se defende: o patrimônio imaterial.

A Irmandade da Boa Morte, surge, portanto, como baluarte de uma parcela minoritária e extremamente marginalizada no século XIX: as descendentes de escravas. O objetivo inicial da Irmandade, além de salvaguardar tradições e conferir um espaço público de encontro e confraternização dessas mulheres, era o de promover melhorias significativas de vida na comunidade negra. Além de auxílios tradicionais dados pelas Irmandades no Brasil colonial, como nos enterros; essa fraternidade, especificamente, composta por “negras do partido alto” - ex-escravas já alforriadas, que viviam de seu trabalho vendendo doces ou quitutes, como até hoje se encontra na Bahia, com as donas de tabuleiros de cocada e acarajé -, que visavam a comprar, com as esmolas obtidas através das Irmãs de Bolsa e da recolha de donativos à Irmandade, a liberdade de outros escravos. O papel de uma comunidade de auxílio mútuo, como essa, é de inegável valor e não se faz necessário aqui entrar nessa análise.

Já o capítulo II: *A dimensão simbólica da roupa*, dividido em *A revelação do vestuário* (parceria de Renata Pitombo e Vanhise Ribeiro) e *Teatralidade dos atos da Boa Morte*, de autoria de Vanhise Ribeiro abordam especificamente a roupa e suas simbologias. Nos dois subcapítulos, as autoras abordam a inserção da roupa como portadora de sentidos de forma ampla, como um veículo capaz de materializar sentidos de nossa existência e conferir performances a diversos momentos de vida, dependendo da situação. Por isso, irão

afirmar que: “a roupa, enquanto elemento sógnico, corporifica atributos de ordem simbólica, expressando, inclusive, elementos de distinção entre classe e estilos de vida. A aparência auxilia na configuração e determinação de condições sociais específicas, podendo, assim funcionar enquanto elemento de deflagração das identidades, atuando como estruturas de agregação social” (p. 56 - 57). Mais que agregadoras, as vestes da Boa Morte são, também, objetos fulcrais na constituição dos rituais e, portanto, da existência da Irmandade: sem os três tipos de vestes, os ritos não estão completos e não podem ser realizados, trata-se de uma condição *sine qua non*.

Em *A dimensão simbólica das vestes da Boa Morte*, são analisados *O traje de beca: identidade e sincretismo* (com Aline Pires e Vanhise Ribeiro), e *Imagens da Boa Morte: um universo de sentido* (com Joseane Santos, Máisa Almeida e Vanhise Ribeiro), em que se examinam as vestes da Irmandade, especificamente, independentemente das interações com a moda e suas representações. Se os capítulos anteriores se dedicam a elencar fatores que demonstram ser a moda um campo legítimo de estudo e fundamental à compreensão de qualquer sociedade na contemporaneidade e não apenas, seja pelo caráter econômico, mas também pela distinção social e pelo que se insiste aqui, a dimensão simbólica do que a roupa significa e, portanto, comunica, é neste capítulo que a Boa Morte comparece como protagonista na questão vestimentar. Cada peça de roupa, constante desse verdadeiro discurso indumentário, é devidamente registrada visualmente, no capítulo subsequente, inclusive, e analisada em sua composição formal, de cor, de função, ritual, teatral e de identificação dentro da hierarquia das Irmãs.

O capítulo IV é composto do registro visual que acompanhou a finalização do projeto, com diversas exposições do material produzido na cidade e em comunidades menores nas adjacências, em centros culturais, universitários, cafés, livrarias; com o detalhamento das peças e suas características.

Concluindo esta resenha, vale dizer que o livro, além de interessante e relevante - embora merecesse de uma revisão gráfica mais cuidadosa -, é fruto de trabalho coletivo: orientado pela professora/pesquisadora, ele é trabalho também de estudantes que refletiram uma vez mais sobre os seu fazer como sujeitos produtores de conhecimento e de sentido.

Além de retomar conceitos fundamentais ao estudo da moda como área de conhecimento e possibilidade de compreensão do mundo¹, que vão dos estudos clássicos sobre a moda na área da sociologia - como os dos teóricos Georg Simmel, da virada do século XIX para o XX, passando pelos escritos mais recentes sobre o tema de Gilles Lipovetsky e Michel Maffesoli, entre outros -, o livro insere a discussão teórica na prática da pesquisa. Ou seja: é um raro momento de aplicação conceitual a um objeto específico, que, embora distante geográfica e temporalmente, permite a demonstração da potência e atualidade de tais aportes.

Finalmente, cabe ressaltar que uma das orientandas de Renata Cidreira, Vanhise Ribeiro, soma sobremaneira ao projeto, ao concluir o curso de Comunicação Social com o documentário *Vestes vibrantes, mulheres fascinantes*, realizado no decorrer do projeto, que vem a trazer em imagem e movimento o universo íntimo dessas mulheres guardiãs de uma tradição e de um bem cultural: a Irmandade da Boa Morte.

Mais do que um trabalho sobre moda, *As Vestes da Boa Morte*, nos ensina sobre cooperação acadêmica, reflexão teórica e de como nossa história e nosso patrimônio imaterial podem e devem ser registrados e analisados. A contribuição desse resultado de pesquisa demonstra o comprometimento que todos os estudiosos do campo deveriam ter para com a riqueza cultural que um país com as dimensões e as características peculiares que só o Brasil possui

* A organizadora, Renata Pitombo Cidreira, publicou, em 2014, um livro intitulado: *A Moda numa perspectiva compreensiva* (Editora UFRB), sobre as potencialidades do fenômeno cultural moda como produtora de conhecimento.